



Exclusivo

EXPOSIÇÕES

Em nome do pai, da filha e do neto: Areal3 mostra que a arte viaja no ADN, numa exposição que é também uma homenagem a António Areal



Se é verdade que quem sai aos seus não degenera, António Areal (1934-1978), Sofia Areal e Martim Brion são, no mundo das artes, a prova disso. “Areal3 [Areal ao cubo] – Nada com sem propósito” é uma exposição singular para ver em Cascais até domingo, 31 de agosto. Ao Expresso, Sofia Areal e Martim Brion abrem as portas da sua criatividade

29 AGOSTO 2025 09:49

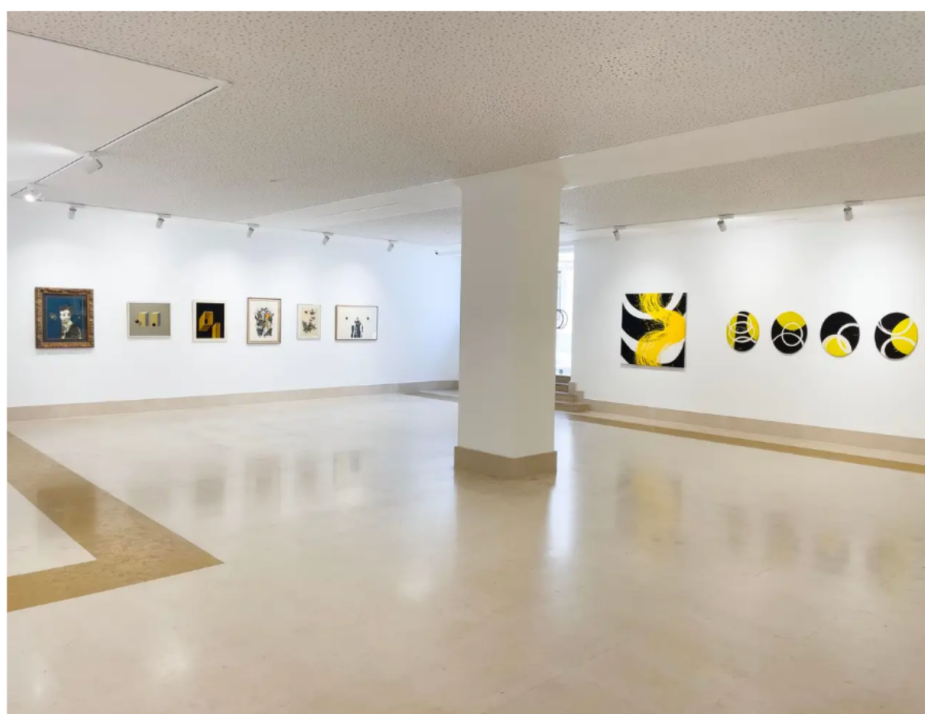
André Sousa, aluno de mestrado em Ciências da Comunicação

Há tinta salpicada pelo chão. As estantes que preenchem as paredes estão ocupadas, ora com telas, algumas ainda por resolver, ora com livros, muitos, e sobre tudo. Há uma

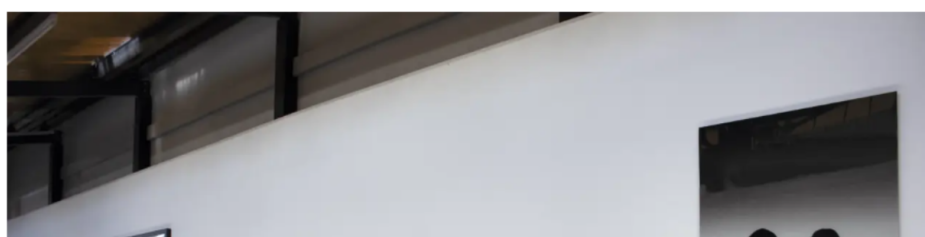
mesa com café e chávenas onde colocá-lo. Têm cores fortes, as chávenas, e padrões. Têm linhas, manchas de cor e harmonia. Há formas circulares nos pires onde repousam, há a assinatura de Sofia Areal. Num cavalete folga um quadro com linhas, motivos e cores muito parecidos com os que observara nas chávenas. Algumas formas parecem também repetir-se, mas sempre de forma diferente. O quadro está inerte, não sai do cavalete, mas nele há movimento, há força, há a ansiedade de voltar a encontrar-se com a mão que tudo ali criou – a mão de Sofia.

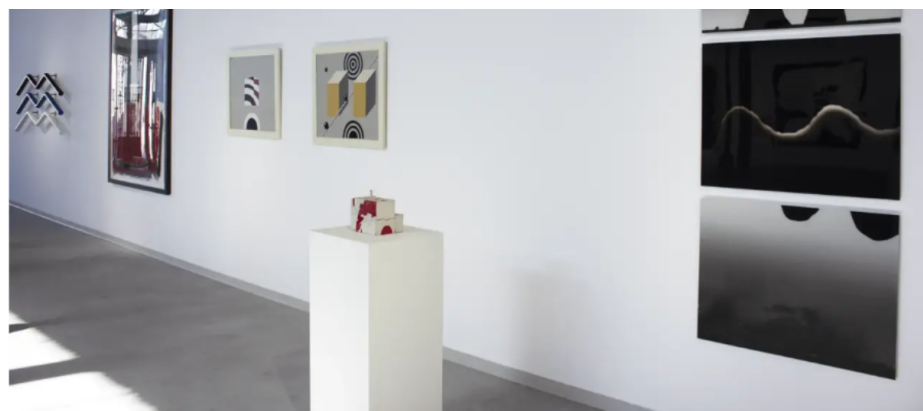
Foi deste atelier que saíram alguns dos quadros que se movimentam agora pelo **Centro Cultural de Cascais, ao longo de três salas que contam a história de uma família através de pinturas, desenhos, esculturas e fotografias**. O ADN de Sofia está em todas estas obras, contudo, apenas parte delas são da sua autoria. As restantes pertencem ao pai, António Areal, e ao filho, Martim Brion. São personalidades diferentes, com técnicas, estilos e suportes distintos, mas partilham entre si a continuidade de uma linhagem, partilham entre si um sobrenome: Areal. O Expresso foi à inauguração da exposição **“Areal3 [Areal ao cubo] – Nada com sem propósito”** no passado mês de maio para conhecer melhor esta família.

“Cresço a ver o trabalho do meu avô, o trabalho da minha mãe, do meu pai também, e como é que isso me afeta a mim, como artista”, explica Martim Brion, artista e curador da exposição, que contou com a organização da Fundação D. Luís I e com o apoio da Câmara Municipal de Cascais, e cujo título já marcou presença anteriormente em Torres Novas, em 2019, e em Lagos, em 2024. A exposição, que dá a conhecer novos quadros em cada local por onde passa, esteve em Cascais entre os dias 3 de maio e 13 de julho deste ano, tendo sido recentemente prolongada até 31 de agosto devido ao elevado interesse do público, segundo Isabel de Alvarenga, coordenadora do Centro Cultural de Cascais. “O tema é sempre o mesmo, as ligações e desconexões entre o três, o que temos em comum, o que não temos”, refere Martim, “há esse lado, que me parece sempre interessante, e, ao mesmo tempo, um lado também de manter o trabalho do António Areal mais vivo e presente”.



Exposição Areal(3) no Centro Cultural de Lagos





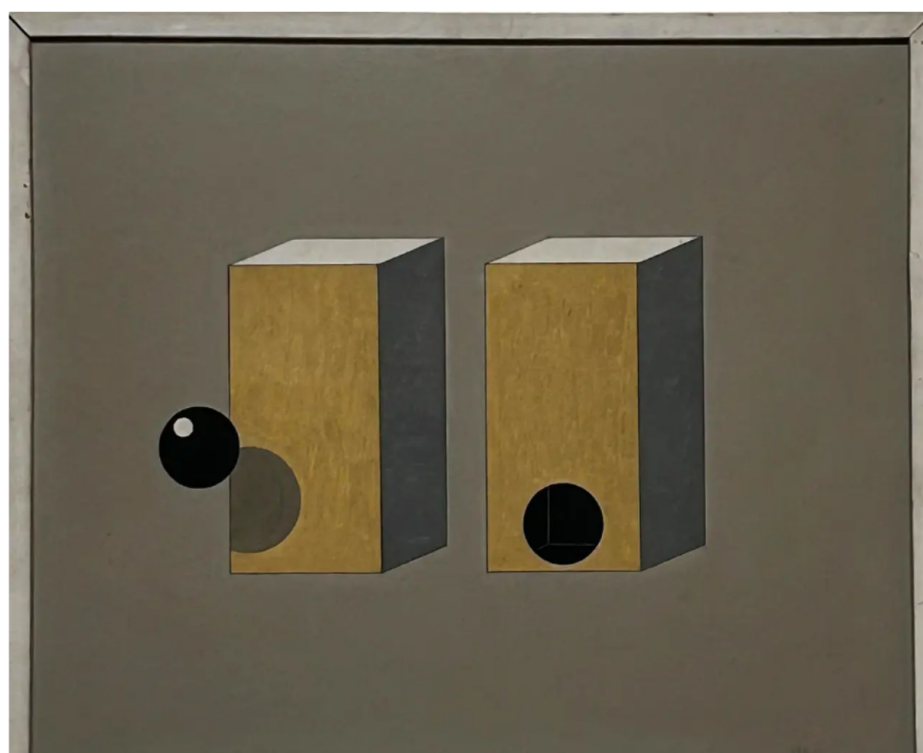
Exposição Areal(3) no Museu Carlos Reis, em Torres Novas

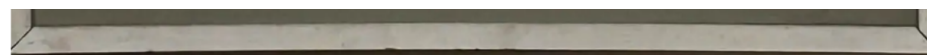
A ideia surgiu de Martim, que, ao colocar as obras lado a lado, se apercebeu do **potencial introspetivo e sociológico** que poderia ter a exposição. “A forma, a cor, os conceitos que são utilizados, a cadeia de influências”, que jogam, nesta exposição, com o espaço. “São aquelas paredes, aquelas alturas, aquele tipo de luz. Poderia ter-se ocupado o Centro Cultural todo com a quantidade de obras possíveis de expor, mas é preciso adaptar e ver também o lado mais estético, o que fica bem”.

Para Sofia, não foi inicialmente uma situação fácil: “Ao princípio fui renitente, não me senti muito à vontade, mas agora já é a terceira versão e sinto-me confiante, acho que é justificável e compreensível que haja **três gerações que se juntam** e que se possa fazer uma exposição cujo trabalho tem algumas semelhanças. Eu tenho um lado circular, como o meu pai também tem, só que o meu pai fazia com compasso e régua, tudo muito geométrico, enquanto o meu é mais gestual. O Martim não pega tanto pelo lado da circunferência, do círculo, dos alvos, mas pelo lado da cor”, explica Sofia, “pegamos uns nos outros por razões diferentes, mas há realmente uma ligação entre os três”.

VIVER COM O ERRO

António Areal (Porto, 1934 – Lisboa, 1978), artista autodidata, começa a expor com 20 anos, em 1954, ocupando rapidamente um lugar de destaque no paradigma artístico português do século XX. Entre as diversas distinções pelo seu contributo artístico estão o Prémio de Desenho da I Exposição de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian (1957), o Prémio de Pintura da Casa da Imprensa (1965) e o Prémio de Desenho no 3º Salão Nacional de Arte Moderna (1968), que recebe no mesmo ano em que representa Portugal na IX Bienal de São Paulo. “**O meu pai morreu quando eu tinha 18 anos**”, conta Sofia, “era com certeza já um pintor consagrado, apesar de só ter 44 anos, mas era um homem que trabalhava muito e tinha muita aceitação entre os seus pares e pela sua clientela”.





Obra de António Areal, em exposição no Centro Cultural de Cascais

Sofia recorda-se de pouco sobre o pai, mas guarda memórias de um homem sentado a um estirador a desenhar, ou com um cavalete a fazer as suas pinturas “com muito esmero e precisão. Não podia ser interrompido, **mesmo quando entrávamos no atelier não podíamos incomodar nem fazer muito barulho**”. Quando era pequena, com os seus cinco ou seis anos, foi António quem lhe ensinou a diferença entre tintas baças e tintas brilhantes, entre o opaco e o translúcido. Também com o pai aprendeu a não mascarar os erros: “Tapa-se por cima e continua-se com o trabalho, ou não se tapa, vive-se com o erro”.

“Como na vida, os erros ou os atos ficam e não vale a pena mascará-los, eles estão lá. Mas como na vida, na pintura, neste caso estamos a falar de pintores, de um pintor, o António Areal, havia essa preocupação de manter a realidade, nunca passar a ser passado, estar sempre presente”

Sofia Areal

De uma tela nívea e estéril irrompe o milagre da criação. Toca-lhe o lápis ou o pincel e nasce um novo mundo, uma memória que é criada ou recriada, que é como um *déjà vu* de algo que não teve tempo de acontecer, porque o gesto de Sofia foi mais rápido e o fez acontecer primeiro. **“Eu sou muito rápida na minha maneira de ser, ou de falar, ou até mesmo de fazer as coisas”**, reflete Sofia, “há sempre um lado inquieto que eu gosto de manter para que não fique estagnado ou parado no tempo e no espaço, uma inquietação que é dada através das formas, que muitas vezes não são perfeitamente redondas, de desequilíbrios a nível de tensões nas cores”. Dos equilíbrios e desequilíbrios, das formas imperfeitas, das cores pujantes e do imediatismo do traço nasce a obra de Sofia.

Destes elementos e do barro que via a ser moldado pelas mãos do pai, o escultor Rui Sanches, nasce **Martim Brion**. **“Acho que sou a média dos dois”**, aponta Martim, “uso bastante a cor da minha mãe e a influência das formas e interesses do meu pai, em termos de artistas, história da arte e até em livros”. Martim Brion (Lisboa, 1986) veio “por portas travessas”, aponta a mãe. Licenciou-se em Relações Internacionais e Ciência Política em Leicester, no Reino Unido, passou pelo PÚBLICO e pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros, em Lisboa, partiu para Madrid, onde concluiu o mestrado em Gestão Internacional. Depois de Frankfurt e Düsseldorf, na Alemanha, onde trabalhou numa firma de consultoria, volta para Portugal e redescobre o caminho das artes do qual se tentara libertar. “Quando a pessoa está a crescer, como também não conhece muitas outras realidades, acha que é o normal. Depois vai a casa de amigos, começa a prestar atenção e percebe ‘ah, este não tem nada na parede’, ou tem posters ou fotografias de família”, recorda Martim. “Ao crescer tive um lado de rejeição, não queria nada a ver com aquilo, lembro-me de achar chato ir às inaugurações”.

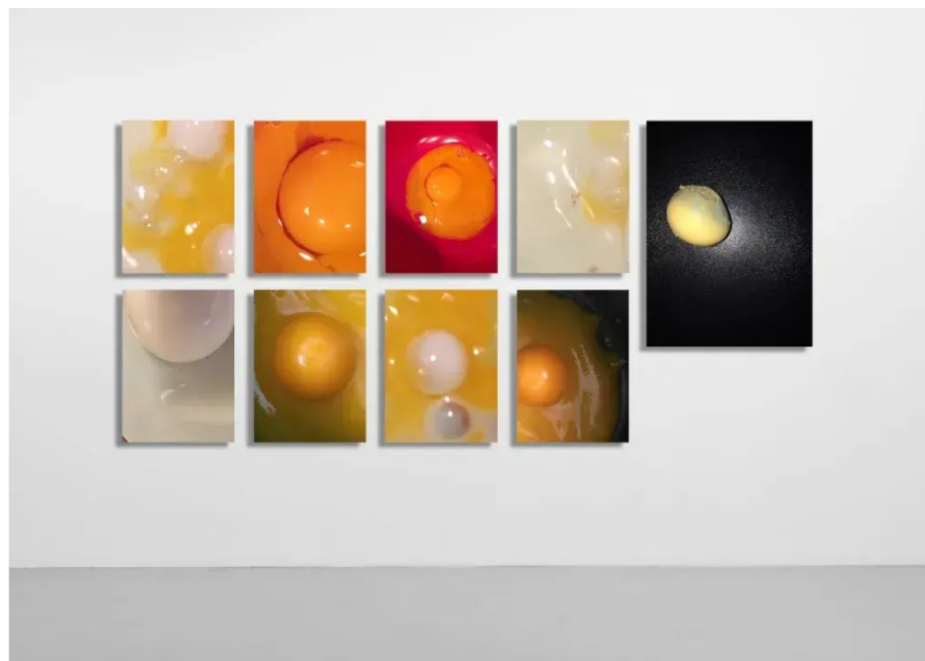
“Como criança, penso que se aprende por ver o que os outros estão a fazer, mais do que com aquilo que eles nos dizem para

Martim Brion

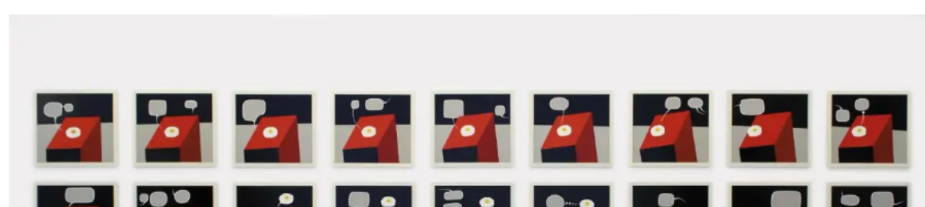
Porém, o ADN falou mais alto e Martim, que vive atualmente em Munique, na Alemanha, retornou ao Reino Unido, desta vez para Londres, onde ingressou no Sotheby’s Art Institute para estudar Arte e Negócio, passando posteriormente pela Galeria Gagosian, pela Leiloeira Christie’s e pela Sutton PR. “Até aos 21 anos, não ia particularmente muito a museus, mas depois voltei à base e comecei a ir e a ver exposições e tudo mais por mim próprio”, recorda. “Com o tempo comecei a trabalhar com a minha mãe, a ajudá-la”. Sofia foi uma das grandes impulsionadoras de Martim, incentivando-o a começar a tirar algumas fotografias e a experimentar: “Eu também tinha umas ideias para umas esculturas, e realmente senti-me confortável neste meio, que eu conheço e percebo como funciona, foi um bocadinho voltar a casa”, admite. “Os outros trabalhos é que eram ‘os diferentes’, na verdade”.

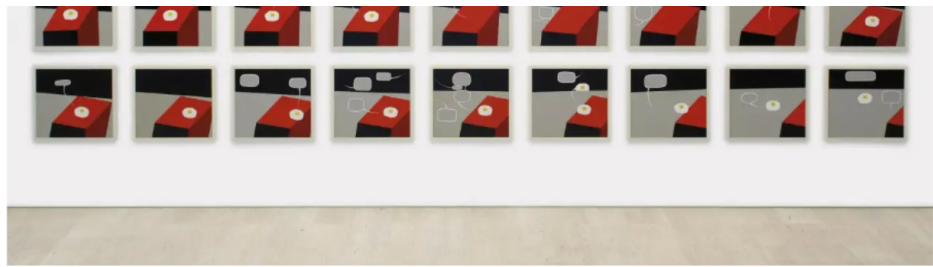
De Sofia, **Martim herdou “a força dos trabalhos, a cor e a gestualidade, mas também um lado mais sentimental da vida, no sentido de aproveitá-la, de viver bem**, comer bem, beber um bom vinho, viajar, ver coisas... e dizer coisas interessantes também, falar de maneira interessante, ter interesse pelas coisas, pelas pessoas, pela vida”. De Rui Sanches veio a geometria, a linha reta, as formas contidas, a influência do minimalismo, com Donald Judd, do abstracionismo expressionista com John Chamberlain, do dadaísmo, com Duchamp, e do cubismo com Picasso. Há também vestígios do avô António na forma, como o rigor e o círculo intergeracional, que se torna protagonista dos quadros de Sofia, ou o ovo, que acompanhou Martim.

“O António influencia bastante a Sofia e, por sua vez, os dois influenciaram-me a mim. No uso da cor a minha mãe influenciou-me mais, porque tem uma paleta mais variada. Em termos de formas acho que tenho mais influência do meu avô”. Há, num canto de uma das salas desta exposição, uma série fotográfica da autoria de Martim. Nela constam, em 8 fotografias, a gema e a clara, o contentor e o vazio, um ovo cru. As fotografias não são familiares, mas o tema parece ser.



Série fotográfica Container de Martim Brion





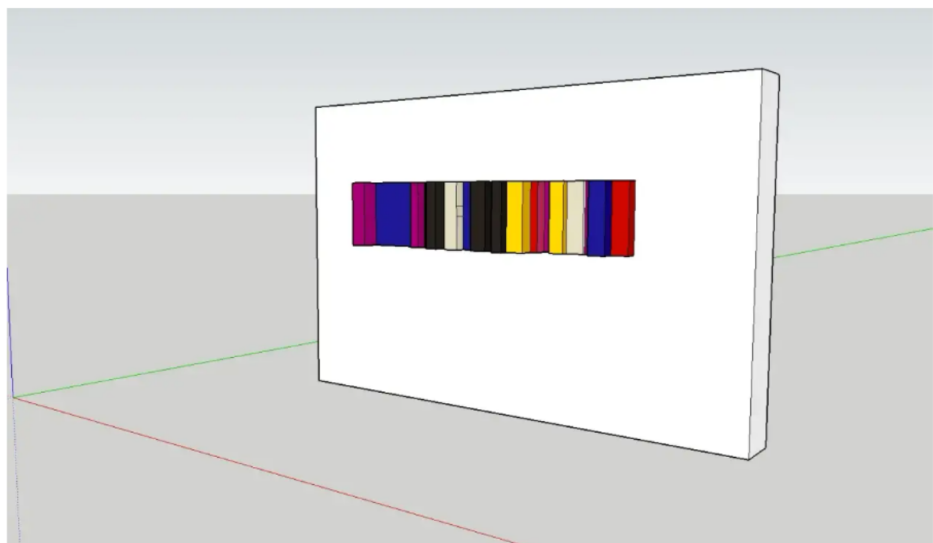
A História Dramática de um Ovo, de António Areal

O ovo veio primeiro. Neste caso, o ovo estrelado de António Areal. “A série do ovo [de António Areal] influenciou-me também bastante, o misto de surrealismo, cubismo e minimalismo das formas geométricas e abstratas, o círculo”, começa por explicar Martim. “Lembro-me que tínhamos lá em casa uma escultura do meu avô, era um paralelepípedo pintado de vermelho e preto com a forma de um ovo em cima, e lembro-me da série de um ovo pintada, e o ovo, às vezes estrelado, às vezes inteiro, sempre me influenciou”. *A História Dramática de um Ovo* (1967), de António Areal, pertence hoje à coleção do Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian. Martim reflete sobre a simbologia da forma, o ovo que contém a vida, que está cheio ou vazio, que é vida ou morte, e sobre as reações do público ao seu conjunto fotográfico: “Há pessoas que acham aquilo um bocado nojento, não gostam, outros acham interessante. Eu como artista gosto de deixar em aberto, para que as pessoas tirem as suas próprias ilações”.

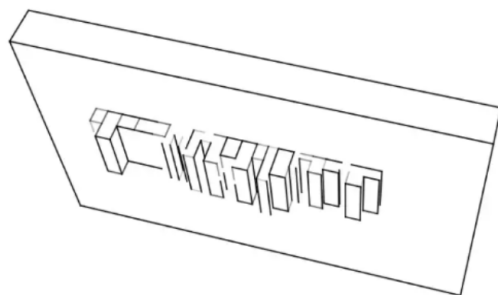
Entre os feitios escultóricos do pai e o rigor na pintura do avô, o imediatismo de Sofia transparece na fotografia de Martim. **“A fotografia é muito mais imediata, é um diário visual**, é por onde vou passando, o que vou vendo e, muitas vezes, a fotografia até me influencia para outros trabalhos em escultura, ou trabalhos em papel, como o desenho”, aponta Martim. No entanto, ao contrário de Sofia, a obra de Brion é frequentemente planeada, desenhada, teorizada. “A escultura começa por ser um desenho, manual ou no computador, depois normalmente peço a alguém para reproduzir a parte técnica, há uma pessoa que faz a forma, outra que a pinta e depois eu mesmo faço a caixa”, explica, “ultimamente também comecei a experimentar fazer eu as minhas esculturas, aí é o processo mais tradicional: escolher o material, experimentar e fazer a escultura. É um trabalho mais pensado e eu gosto de experimentar, gosto de fazer uma série e depois fecho-a, ou não, mas já quero partir para outra, se não começa a aborrecer-me, começo-me a faltar”.

“Eu serei sempre o filho e o neto e serei sempre também eu um artista”

Martim Brion



Desenho a computador da escultura Constituent III



Desenho a computador da escultura Constituent III

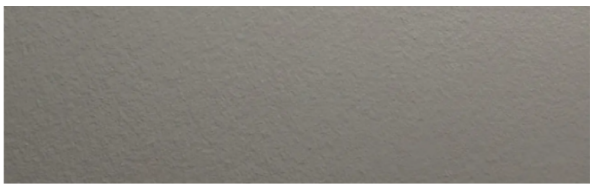
DA NASCENTE ATÉ À FOZ

Sofia tem especial carinho pelo lado da pintura do filho, “talvez por ser pintora também e por o meu pai ser pintor”. Desta exposição, sente particular atração pelo retrato de Rui Mário Gonçalves, de António Areal: “Acho um trabalho bem esgalhado e, ao mesmo tempo, irónico”, aponta, “dos meus trabalhos há um desenho minúsculo, que eu gosto muito porque tem a história de um amigo meu e são as costas dele, apesar de gostar normalmente de estar representada com trabalhos muito grandes, com quase três metros de altura, são mais teatrais”. As influências de Sofia, no entanto, rumam mais longe na linha familiar. Além do pai, também a mãe de Sofia, Lira dos Passos Freitas Pereira Keil do Amaral, sempre desenhou por casa e esculpia objetos em barro: “A minha mãe nunca seguiu a carreira de escultora, apesar de ter tirado escultura”.



Retrato de Rui Mário Gonçalves, de António Areal





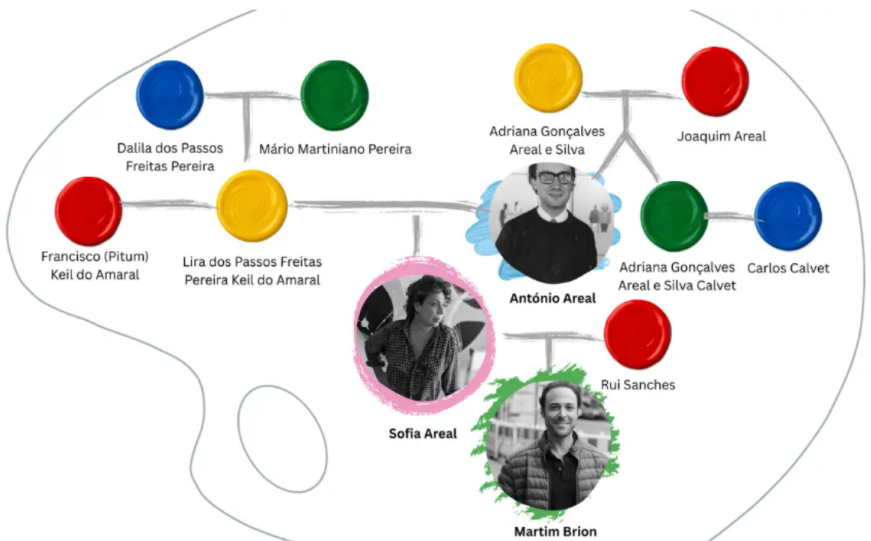
António Mendes, de Sofia Areal



Pinturas de Martim Brion

Recorda-se também da **avó materna, Dalila dos Passos Freitas Pereira, que nasceu na Ilha da Madeira** e foi na década de 1920 para o Royal College of Music, em Londres, onde estudou piano e canto. “Depois voltou para a Madeira, apaixonou-se loucamente pelo meu avô, nunca trocou uma palavra, fugiram os dois e casaram-se no mesmo dia para não viver em pecado”, conta, “a minha avó foi renegada pela família por ter fugido com o meu avô, mas mais tarde veio a ficar com o piano da família, que emprestou ao seminário do Funchal. Depois o piano voltou a casa e a minha avó cantava e tocava, enquanto nós nos ríamos com aqueles cantos líricos”.

Dalila e Mário Martiniano Pereira, os avós maternos, foram uma importante influência para Sofia nas artes e na cultura. Do lado paterno, o avô Joaquim Santiago Areal, arquiteto, também deixou a sua marca: “O meu avô Quim, o pai do meu pai, era arquiteto, foi um dos responsáveis da reconstrução de monumentos históricos a pedido de Salazar, como a Sé, o Castelo de São Jorge e o Castelo de Almourol, que foram reconstruídos com o Jorge Segurado, arquiteto também”, explica, “essas reconstruções são muito polémicas porque alteraram a realidade dos edifícios, mas são pessoas que, pela atitude que tiveram, foram importantes para mim e fizeram-me ter este lado mais virado para as artes também”.



Além de António, Sofia e Martim, outros familiares têm uma ligação próxima com a arte **André Sousa**

No entanto, Sofia cresceu e, com o crescimento vieram as novas influências. **Assim como a avó e o filho, também o percurso académico da pintora passou pelo Reino Unido.** “Fui estudar para Inglaterra e descobri novos artistas, como a Barbara Hepworth, o Ben Nicholson, o Bruce Nauman ou a Eva Hesse, que tiveram uma grande influência no meu trabalho quando deixei de ser aluna e passei a ser artista”. Começou por estudar design têxtil, mas o processo de desenhar tecidos era demasiado longo para o seu fulgor artístico: “É um trabalho muito lento, muito diferente da pintura. A pintura, posso pintar, ter camadas de tinta que criam perspetiva, às vezes estou durante tempos sem pegar na obra, depois volto, passados três anos, e retomo, mas sempre com um ritmo bastante rápido”.

Aos 20 anos, Sofia regressa a Portugal e começa a crescer dentro do mundo das artes e a exhibir as suas obras em exposições. Entre as suas principais referências na arte portuguesa estão nomes como Sérgio Pombo e Pedro Casqueiro. Martim recorda ainda os jantares lá em casa: “Era arte em casa o tempo todo, o meu pai e a minha mãe sempre falaram muito de artes e tinham sempre os amigos artistas a vir, o Pedro Calapez, o Pedro Cabrita Reis, o Julião Sarmento, o José Pedro Croft, o João Pinharanda...”

“É na pintura que eu mais me revejo, na pintura e no desenho”, aponta Sofia. “A diferença entre a pintura e o desenho é dada pelo suporte, ou seja, eu chamo pintura ao trabalho que faço sobre tela e desenho ao trabalho que faço sobre papel, sendo que muitas vezes é com tintas que eu trabalho sobre o papel”. Estes papéis onde Sofia encontra um lar para as suas tintas são mais espessos, para que aguentem bem a tinta e a obra final se mantenha intacta. “Para mim é importante a qualidade do produto, não quero que saia daqui um quadro que daqui a três anos tenha já perdido a cor ou esteja enfolado, rasgado ou danificado do sol, nisso sou muito perfeccionista”, indica, “quero que se transmita uma onda de rigor, que vem do meu pai, tal e qual, mas sendo que este rigor não tem de ser certinho para ser rigoroso, mas há um rigor, há uma intensidade que eu pretendo ter e que essa intensidade permita que as pessoas vejam os meus trabalhos e sintam dinamismo, força para continuar, otimismo e firmeza nas suas opiniões”.



Pinturas de Sofia Areal na exposição Areal(3), em Cascais

E assim, nesta dança entre a tinta e o grafite, entre a tela e o papel, nasce o círculo uma vez mais nos quadros de Sofia. “Existe muito na minha pintura um lado padrão de formas que se



repetem, mesmo não sendo iguais, explica, são formas redondas, circulares, que se repetem enquanto formas circulares, mas não se repetem como iguais”. **Para Sofia, a forma redonda é a ideal:** “Nela cabe tudo, nunca fecha, nunca abre, ou abre sempre e nunca fecha. É uma forma que pode ser opaca e lisa, como pode ser rugosa e transparente, permite todo o tipo de variantes, uma forma redonda, há toda uma quantidade de hipóteses. A forma redonda é, para mim, uma forma de vida, de dinamismo, de ação, interação e continuidade”.

“Cresci com essas formas circulares, com os alvos, com as espirais e isso tudo, e foi-me saindo com naturalidade, como se fizesse parte do meu ADN. E faz”

Sofia Areal

É o impulso que guia a mão de Sofia, é ele o responsável pelo gesto largo, pelas “chapolas” de tinta, que são para si como um vocabulário, e por saber para onde vai o traço, mesmo antes dele saber para onde vai. “É muito pelo impulso, é pelo gesto, pela vontade, pela tal disposição do dia em que estou mais liberta, mais solta, o tempo está quente, o sol está brilhante, ou então não, está chuvoso, está escuro. Tudo isso são coisas que me afetam”. **A artista nasceu em Lisboa, viveu na Madeira com os avós entre os seis e os nove anos, mas também nos Açores e em Moçambique, passou por Macau, em 2014, e esteve durante longas temporadas entre o Porto e Lagos.** “Há uma parte muito importante que tem a ver com o lado atmosférico ou meteorológico, o clima da Madeira, de Moçambique ou dos Açores são muito diferentes e isso faz muita diferença porque é uma parte altamente influenciadora no meu trabalho”. Além do clima, Sofia, assim como as suas obras, vivem de memórias, de meios diferentes, de pessoas, de uma vontade de transmitir dinamismo e energia positiva, de uma atração pelo belo.

“Interessa-me coisas que sejam agradáveis à vista, que a pessoa se sintam bem, como se sente bem ao pé de um animal bonito ou de uma paisagem bonita ou de qualquer coisa em que a beleza surge com força”, reforça. “Porque decorativos os meus trabalhos são, não rejeito o lado decorativo, não gosto em nada de coisas feias, tenho horror à estética do horrível, não gosto. Para mim a beleza é muito importante”. Sofia começou por pintar naturezas mortas ou reproduzir objetos simples, de forma mais figurativa, como a que se constata em António, contudo, com o passar das estações e com a experimentação, estes elementos acabaram por ganhar novas vidas dentro de si. “Com o tempo fui achando interessante focar-me, por exemplo, só na asa da caneca. E esta asa transformava-se por si própria num quadro só, foi como se pusesse a imagem num microscópio e essa imagem saísse gigantesca”, conta. “Portanto, as minhas pinturas hoje são quase como fragmentos de paisagens ou de naturezas mortas que se transformaram num quadro em si próprio”.

“É como se a imagem estivesse a passar, tivesse cola na superfície da tela, e, aquele bocado de aragem, ao fim e ao cabo, ficasse colada no quadro, mas depois pode continuar a correr. Não está presa naquelas quatro linhas do quadrado. Passou por lá e vai passar. Mas quero que, enquanto está lá, tenha harmonia, tenha delicadeza, tenha



...com muita força, tenha beleza. Tenho um objetivo pré-definido de transmissão em relação ao próximo”

Sofia Areal

Sofia está no atelier (na freguesia dos Olivais, em Lisboa) todos os dias, geralmente das 14h às 22h. Mexe as tintas com pauzinhos chineses ou com cabides já estragados. As tintas, explica, são industriais, de modo a que possa ter mais controlo sobre elas. E aí vem, novamente, o rigor de Sofia: “Tenho muito o cuidado de ter tintas de boa qualidade, porque sou muito exigente na qualidade do produto”, indica, “comecei por pintar a óleo, mas demorava muito tempo a secar. Depois comecei a juntar diluentes que aumentavam a rapidez de secagem do óleo, mas mesmo assim não era suficiente. Passei para o acrílico, que tem o problema de ser muito transparente, e eu queria muitas vezes zonas completamente opacas, então passei para as tintas industriais, que se adequam mais àquilo que pretendo fazer”. A tela onde pinta está no chão, para que possa andar à sua volta livremente e para que a tinta não escorra, mas cole na tela e lá fique a marca de uma grande e fulgurosa pincelada, a marca de Sofia Areal.

AS ARTES E AS LETRAS: A 6ª ARTE

“Os meus pais liam bastante”, conta Martim, “até aos 13 eu nunca tive interesse nenhum em ler, eles até estavam preocupados. Mas depois realmente comecei a gostar, é um meio muito bom para nos relacionarmos com pessoas à distância, pessoas que já morreram ou a quem não temos acesso”. Sofia observa os jogos de palavras e o relevo que tem a literatura no trabalho de Martim: **“A minha pintura é feita do dia a dia, do estado de espírito, do que se passa**, de pequenos pormenores como uma jarra de flores ou um botão caído no chão. Não tenho essa visão que o Martim tem, que é muito mais literário-filosófica, e que o meu pai também tinha”. António Areal também escrevia, “acho que tem três livros”, aponta Martim que, apesar de reconhecer a qualidade das obras literárias do avô, sente alguma dificuldade



em lê-las. “Li metade de um, acho completamente ilegível porque é um *stream of consciousness* [fluxo de consciência], ele escrevia como lhe ia saindo”.

Sofia evoca os postais de boas festas, em que Martim escrevia “frases disparatadas, que não eram bem disparatadas, eram inventadas, com uma imaginação fulgurante”. Para Brion, até o formato do livro pode ser uma obra de arte: “Gosto do lado da palavra e gosto cada vez mais de trabalhá-la como objeto, fazer o texto virar o objeto visual da arte, misturar as coisas”, assim como António Areal, que amalgamava pintura e escultura. “Também com o espaço, posso ligar à arquitetura, ou usar o desenho por cima da fotografia, ou mesmo fazer uma escultura com fotografias. É um lado da interseção que acho interessante, é como na vida, nada é preto, nada é branco, é tudo cinzento com tons variados, pelo meio são infinitas as possibilidades”. Lê sobre tudo, mas especialmente sobre política, história militar e arte. Acompanha-o sempre um romance, que vai dando lugar, nas mãos de Martim, a autores como La Rochefoucauld, Lord Chesterfield ou Maquiavel.



Obras da série Censorship, de Martim Brion, em exposição no Centro Cultural de Cascais

“Também gosto especificamente de livros de filhos de artistas, em que contam como é que foi ser filho de artista.

Há um do Jimmy Ernst, filho do Max Ernst, que até foi o meu pai quem me deu”. Martim tem dois cadernos, um onde aponta vocabulário, outro onde tira notas e, ultimamente, tem-se ocupado com livros de aforismos e de filosofia. “A parte do texto também vem muito da minha mãe, que faz muitas vezes trocadilhos ou jogos de texto até nos títulos das suas exposições”. Sofia andava a ler contos e novelas, “mais uma escrita de Hemingway ou Somerset Maugham”, mas recentemente tem também se dedicado à filosofia: “Quero entender o mundo, quero ver como é que as pessoas pensam, como é que há a hipótese de pintar e de pensar o mundo de formas diferentes, não sei se isso passa para o trabalho, penso que não tanto, mas que faz parte da minha vida, sim, faz”.

“Para mim o grande interesse em arte, como também no estilo de vida, é a liberdade”

Martim Brion

“Basicamente para mim é a liberdade criativa, a liberdade de fazer o meu horário, isto tudo, que eu penso que vem da minha mãe,

esse lado da liberdade”. É essa mesma liberdade que Sofia procura trazer para a sua obra, apesar de já se ter sentido também influenciada por Martim: “Houve umas formas quadradas que entraram no meu trabalho, que têm a ver com as formas retangulares e triangulares que eu me apercebi que vinham do Martim. Não foi algo muito forte, mas houve uma altura em que estava a ser influenciada pelo trabalho dele, mas com gosto”, conta. “Há um lado mais hermético, um trabalho de mente, em que a mente passa para a mão e a mão trabalha”, é aí que Sofia vê as semelhanças flagrantes entre António e Martim. “Eu estou fora do baralho, sou diferente, tenho um lado diferente, um lado de cortar barreiras que senti muito quando fui para Londres, foi o sentir-me independente e poder fazer tudo à minha maneira, com um gesto largo, a atirar tinta para cima da tela e não me preocupar nada que o atelier ficasse sujo. A casa era uma coisa, o atelier era outra, e é, continua a ser assim”.

RELACIONADOS

- **E** Exposições: A política em Júlio Pomar
- **E** Já vai sendo tempo de sabermos o que é um moringue
- **E** Teremos quase sempre Paris e o erotismo das conchas



Tem dúvidas, sugestões ou críticas? Envie-me um e-mail: clubexpresso@expresso.impresa.pt

PUBLICIDADE

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

Índia e China retomam voos diretos cinco anos após suspensão



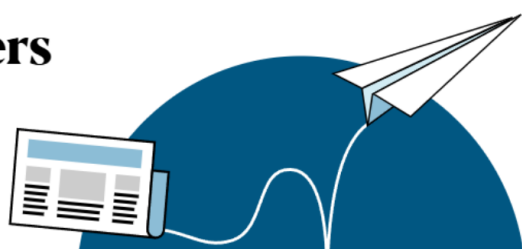
“Portugal deve reconhecer o papel dos afrodescendentes”, diz Marcelo



Montenegro travou acesso a mais de 50 imóveis declarados à Entidade para a Transparência

Governo cria balcão único para empresas e promete encurtar prazos nos licenciamentos

Newsletters



Receba as newsletters do Expresso

O nosso Expresso Curto ou Diário, as de Economia, Tribuna, Blitz ou Boa Cama Boa Mesa. Subscriba as newsletters escritas pelos nossos editores e receba-as diretamente no seu e-mail

Subscriver